

HISTÓRIA ORAL E MÚLTIPLAS TEMPORALIDADES

Carlos Alberto Alves de Souza (Ufac/Faculdade Euclides da Cunha)

RESUMO

O presente artigo trata sobre múltiplos modos de vida/culturas de trabalhadores e trabalhadoras rurais do Acre, desenvolvendo diálogos com processos de resistências, desenvolvidos por esses sujeitos sociais, às tentativas de latifundiários que tentavam transformar suas colocações de seringa em pastos para criações de gado.

Nesse contexto, foram fundamentais as leituras das obras do filósofo alemão Walter Benjamin e de George Duby sobre a questão da temporalidade, bem como as construções sobre culturas e linguagens desenvolvidas por E. P Thompson, Raymond Williams, Carlo Ginzburg.

Ressalte-se a ênfase dada a questão da oralidade nos seringais, aqui caracterizada como uma força mediadora. Neste sentido, esclarecemos, ao empregarmos o termo “oralidade”, referimo-nos à tradição oral existente nos seringais amazônicos, veiculada no dia-a-dia do seu modo de vida, capaz de evidenciar resistências.

Palavras chaves: Culturas; Modos de Vida; Oralidade; Resistências

Parte desse texto foi apresentado durante o IV Encontro Regional de História Oral Norte, na cidade de Porto Velho-RO, ocorrido entre os dias 23 a 27 de maio de 2005. Outras problematizações são resultantes de minhas pesquisas entre 2012 e 2013.

Considero providencial iniciar a minha fala com uma frase do filósofo alemão Walter Benjamin. Para o mesmo, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” (BENJAMIN, 1993, vol. 1, p. 229).

Em outras palavras, estamos falando de múltiplas temporalidades. Acreditei nesses dizeres quando pesquisei sobre modos de vida de trabalhadores seringueiros da região acriana, privilegiando suas formas de resistência em lutas contra as dominações, fazendo destaque para uma singular maneira de resistir contra grandes latifundiários que tentavam transformar suas colocações de seringa em pastos para criações de gado, conhecida por EMPATES. Já se passaram anos e continuo acreditando nos dizeres de Walter Benjamin.

Os Empates foram estudados enquanto resultados de toda uma tradição do modo de vida dos seringueiros na construção de certa identidade coletiva. Ou seja, em suas resistências está “presente” o seu modo de vida. Os instrumentos e os valores utilizados nos Empates são constituídos em sua vida diária, em seu cotidiano e assim se tornam constitutivos de sua cultura.

É no “modo de vida”, na “Cultura”, **que as pessoas vivem integralmente**, onde os valores estão impregnados e devem ser vistos como focos de conflitos, onde a luta de classe persiste. Foi com essa perspectiva que trabalhei a pesquisa, **privilegiando termos como “experiência social”, “cultura” e “valores morais”**. Valores morais que para E. P. Thompson: “[...] não são ‘pensados’, nem ‘chamados’, são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias” (THOMPSON, 1981, p. 194).

Na relação entre História e Cultura, necessário se faz trabalharmos com o termo “cultura”, vendo o social como contraditório, não como algo “dado”. Isto posto, admito cultura enquanto “modo de vida”, um “modo de luta”, mediado por dominações e resistências, em que **homens, mulheres e crianças** aparecem como sujeitos sociais e reais agentes de seus movimentos coletivos. São múltiplas temporalidades. Nesta perspectiva, o termo “cultura” torna-se um campo aberto para que a história tenha uma maior compreensão do social e suas contradições.

Além de uma vasta documentação, fiz uso de fontes orais para parte de minhas interpretações na elaboração da pesquisa, que me levaram a significativas problematizações acerca do modo de vida dos seringueiros de Brasília. Procurei buscar **os significados que trabalhadores e trabalhadoras deram às suas vidas**, às suas lutas, enfim, às suas experiências sociais e valores. São extraordinárias **representações de um viver** de lutas.

A **oralidade** nos seringais é de uma **força mediadora** impressionante. Tornou-se tradição. Neste sentido, ao empregarmos o termo “oralidade”, referimo-nos à tradição oral existente nos seringais amazônicos, veiculada no dia-a-dia do seu modo de vida, capaz de evidenciar resistências. **Essa tradição oral** é também constitutiva, parte de um todo, capaz de revelações a respeito de experiências sociais vividas por seringueiros.

A tradição oral dos seringueiros é mais um ponto de sustentação para a constituição de uma identidade coletiva e social desses trabalhadores da floresta. Ou seja, é um meio de transmissão de valores que permeiam o seu viver, fortalecida por memórias de experiências vividas, numa sociedade que convive hoje **com outras linguagens**. É nesse emaranhado de evidências que caminha o pesquisador. A força da tradição oral nos seringais acreanos não eliminou a luta dos seringueiros pelo domínio da escrita como forma de resistência.

A **sociedade do seringal tornou-se lugar privilegiado de comunicação oral** em que os saberes medicinais, a habilidade no trabalho da seringa e do roçado, as histórias de vida, a religiosidade, as credences nos mistérios da mata, os valores morais e familiares, o amor, as paixões, suas lutas contra a dominação são conhecimentos repassados por aprendizagens práticas e pela oralidade. A tradição é veiculada intensamente por esses dois mecanismos. Os **documentos escritos** também são utilizados nessa relação, principalmente quando os seringueiros interagem com outros homens (patrões, religiosos, funcionários públicos e outros). A evidência oral é mais uma evidência. **Outros fragmentos do social**, nos seringais, estão em outras fontes.

As **entrevistas** realizadas com seringueiros da região acreana de Brasileia me colocaram **frente a frente** com seringueiros e seringueiras, com homens, mulheres e crianças que **viveram experiências sociais em seringais amazônicos**. Os depoimentos orais me levaram à dimensão do cotidiano desses seringueiros quando da organização dos seus Empates, dimensão esta não presente em outras fontes aqui explicitadas. É a fala direta dos trabalhadores a respeito de suas representações concernentes às suas resistências, ao seu modo de vida. Esta dimensão só me foi possível com os depoimentos orais.

Nos depoimentos orais dos seringueiros do Acre estão as marcas de suas lutas em defesa do seu modo de vida e de suas diferentes temporalidades.

Os seringueiros com os quais trabalhei tinham disponíveis, sempre os fins de semana, quando se encontravam mais “livres”, em suas idas à cidade de Brasileia (não deixando de visitar a sede de seu Sindicato), do trabalho duro dos outros dias. São **tempos diferentes**, o do pesquisador, que dispõe do tempo da pesquisa, e o dos seringueiros, que dispunham somente dos fins de semana.

Trabalhei a documentação como **“expressão da experiência humana”**. São **evidências**, fragmentos de um social. Tratei a documentação como possibilidade de fortalecer a compreensão de nossa problemática de pesquisa. Uma problemática configurada durante o processo de consulta à documentação. Vendo o **social como algo constitutivo**, não poderia proceder diferente no trato com a documentação, com as evidências.

É necessário que entremos também na interpretação das entrelinhas das falas das pessoas. As diferentes temporalidades podem estar aí colocadas.

As múltiplas temporalidades estão nas falas. Essas falas que também alteram o real. Nos faz lembrar Georges Duby, quando o mesmo fala de suas pesquisas sobre a Europa Medieval:

[...] mas, se olharmos mais de perto, apercebemo-nos de que, nesses processos e nessas escrituras de doação, o vivido é igualmente manipulado, modificado pelo mental, e de que, no final de contas, a imagem da sociedade que nos é dada por esses documentos é tão falseada, ou quase, como nas crônicas e narrativas que, à primeira vista, nos parecem muito próximas da ficção (DUBY, 1989, p. p. 10-11)

As pessoas de um mesmo grupo social criam expectativas diferentes uma das outras das experiências sociais compartilhadas, além de constituírem diferentes narrativas das situações vividas, podendo mesmo chegar a conclusões as mais diversas. Desse mesmo modo, as pessoas também entram numa experiência com expectativas diferentes, ou mesmo chegam a não entrar por não concordarem com as decisões tomadas coletivamente no interior do grupo. Os grupos têm autonomia, mas os sujeitos são autônomos também para seguirem diferentes decisões. As memórias aí constituídas fluem dessas temporalidades.

Essas memórias são coletivas porque mesmo interpretando individualmente uma situação, os sujeitos as interpretam sempre a partir do que conseguiram viver num coletivo. São as “muitas memórias, outras histórias”. Os valores são socialmente constituídos. São constitutivos. Grupos diferentes podem narrar diferentemente ações vividas concomitantemente, dependendo do que estiver em jogo. Sua própria existência, por exemplo. Daí ser a memória formada nos campos de lutas políticas. Grupos que vivem intensamente lutas políticas contra outros grupos dominadores irão enormemente constituir suas memórias com as raízes de suas lutas contra as dominações. Os sujeitos sociais componentes desses grupos também formatarão suas memórias envolvidas por essas tradições.

Quando falo de **tradições**, não falo de um conceito que represente somente um passado, mas que signifique **traços vivos** de um modo de vida de uma cultura, em que homens e mulheres articularam e articulam modos de resistência contra as dominações. Tradição do ponto de vista que **Raymond Williams** propõe:

A tradição é na prática a expressão mais evidente das pressões e limites dominantes e hegemônicos. É sempre mais do que um segmento inerte, historicizado; na verdade, é o meio prático de incorporação mais

poderoso. O que temos de ver não é apenas ‘uma tradição’, mas uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural (WILLIAMS, 1979, p. 119).

Eu, que pensava conhecer os seringueiros do Acre, fiquei impressionado com o que me relataram do seu viver. Muitas das minhas ideias pré-concebidas caíram por terra quando, principalmente, esses trabalhadores falaram de um modo de vida que também é formado por miséria, fome, conflitos entre eles mesmos, roubos, tentativas de estupros, assassinatos. Considero, assim, que deverá ser sempre importante lembrar **Carlo Ginzburg**, quando se refere à pesquisa histórica:

Penso que não se deve ter medo de ser ignorante, e sim procurar multiplicar esses momentos de ignorância, porque o que interessa é justamente a passagem da ignorância absoluta para a descoberta de algo novo. Considero que o verdadeiro perigo está em nos tornarmos competentes.¹

Temporalidade não tem a ver com o tempo dos relógios, mas com as vontades e os valores morais em jogo durante o fazer-se dos sujeitos sociais em suas experiências sociais. As diferentes temporalidades históricas têm relações com amores e desamores, com o sim e com o não, com o eu e com o outro, com sonhos e desilusões, com conformismo e com enfrentamentos, com lutas e recuos, com o real e o imaginário, com o explícito e com o silencioso, com o dissimulado e com o escancarado, com o partido e o filiado, com o sindicato e com o sócio, com os políticos e com os cidadãos, com homens e mulheres, com o trabalhador e com o patrão, com o pobre e o pobre.

Qual a melhor perspectiva em História Oral? É uma pergunta de difícil resposta. Cada grupo considerará melhor a sua maneira de tratar as fontes orais. No entanto, gostaria de alertar para um fator primordial, considerado importante para uma boa relação historiador versus história. Já nos lembramos de perguntar aos nossos entrevistados a maneira pela qual eles gostariam de verem suas falas tratadas por nós?

O diálogo entre historiador e entrevistado, tão propalado por muitos setores da História Oral, não deve se restringir somente aos pressupostos teóricos dos nossos projetos, mas deve ser demonstrado de maneira honesta,

1 CONVERSA com Carlo Ginzburg: História e Cultura. IN: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 3, nº 6, 1990, p. 257.

aberta e confiável. O diálogo só deve se restringir à relação de cumplicidade entre ambos, na produção de uma entrevista.

Diante dos sujeitos sociais que falam de suas vidas, o historiador poderia “pedir” licença para perguntar se os mesmos dariam permissão para que suas narrativas fossem submetidas a questionamentos pelas más ou boas interpretações. O historiador bem que poderia “gastar” um pouco do seu tempo para explicar ao entrevistado a sua maneira de “escrever” História. Quem sabe, o diálogo poderia ser mais profundo entre ambos.

Assim como o historiador tem o privilégio de “usar” ou não certos depoimentos orais, o entrevistado poderia se recusar a falar por conta da não aceitação do “método” que interpretaria a sua narrativa. Se esse diálogo chegasse a esse ponto, se transformasse numa “via” de mão-dupla, ou seja, de um lado o entrevistado narrando suas experiências e, de outro, o historiador abrindo-se para transparecer sua metodologia, teríamos um diálogo verdadeiramente capaz de trazer à tona as diversas temporalidades, porque as memórias dos sujeitos sociais estariam sujeitas a uma relação de “igualdade”.

Temos recebido permissões para publicações e usos dos depoimentos orais, mas os sujeitos se distanciam dos nossos projetos na medida em que não esclarecemos os nossos pontos de vista. Isto é uma relação antidemocrática. O entrevistado deve ter opções de falar a quem considerar capaz de “tratar” melhor suas memórias. Suas lutas poderão se tornar em vão se suas memórias não forem respeitadas. E aqui não se trata de quem tem o melhor método, mas trata-se de oferecermos opções aos entrevistados de escolherem o melhor historiador.

Mantermos um diálogo sincero, falando nós, historiadores, dos nossos métodos aos entrevistados, significa uma valorização fantástica da relação PASSADO e PRESENTE. O presente está encarnado na pessoa do historiador.

O “melhor” método pode se tornar uma catástrofe para as memórias, para as temporalidades. Competência demais pode obscurecer os “sentidos” humanos dos narradores. No geral, sempre nos isolamos e escrevemos. Fechamos as narrativas dos sujeitos nos labirintos de nossas interpretações, sem pedirmos licença para tal. Depois, de maneira muitas vezes arrogantes, nos consideramos melhores que outros pesquisadores que trabalham com história oral longe da academia, distantes dos nossos encontros, envolvidos nas comunidades, carinhosamente reconhecidos pelas comunidades em que atuam.

Esses pesquisadores, desprovidos de academicismos têm mais sensibilidade para trazerem aos seus trabalhos, com mais tranquilidade, as diversas temporalidades das narrativas, porque as temporalidades não são palpáveis assim. Elas estão impregnadas também em outras formas de linguagens, constituídas no cotidiano dos sujeitos sociais.

As temporalidades são obscurecidas por formas abstratas de interpretações dos historiadores. Mesmo os historiadores que se dizem seguidores de uma História Social, podem seguir esse caminho no trato com fontes orais. São as armadilhas do nosso ofício.

Esse diálogo de igualdade não significa impor uma aproximação do real, já que o conhecimento histórico será sempre uma representação do real e não o real.

Imaginemos algo inusitado. Como ficaríamos nós historiadores se os que “dão” entrevistas, denominados pelos mais diversos adjetivos, se reunissem e fundassem uma ASSOCIAÇÃO. O que faríamos. Reconheceríamos a Associação ou debocharíamos deles. Como seria denominada essa Associação?

E, se de repente, essa Associação resolvesse instalar uma Comissão Disciplinar para avaliar o que fizemos dos seus depoimentos orais? A resposta mais esperada: muitos de nós estaríamos em sérios apuros, porque a Associação poderia retirar-nos o poder de ser o que sempre fomos, e permitiria que os sujeitos sociais que falaram por durante muito tempo escrevessem sua própria história, que poderia não ser a oral.

O respeito à temporalidade do outro é respeitar a sua própria trajetória de lutas pela vida. Como nos lembra Alessandro Portelli:

Contar uma estória é tomar as armas contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou controlar o tempo. O contar uma estória preserva o narrador do esquecimento; a estória preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado (PORTELLI, 2004, p. 296).

Déa Fenelon, com seus dizeres, também nos leva a considerar o importante papel das memórias sociais, constituídas por sujeitos sociais em suas culturas, capazes de nos demonstrar as possibilidades de escrevermos muitas histórias a respeito de uma cultura ou de um grupo social, trazendo à tona as diversas temporalidades, a partir do trato com as muitas memórias:

O fato de avançarmos mais na discussão sobre a memória social, ou

seja, quando sinalizamos para ‘muitas memórias’ assumimos lidar com memória no plural. O problema relaciona-se às ‘outras histórias’ (...) Em outro ponto do projeto, buscávamos enfatizar o caráter ativo da memória na construção histórica (...) Em seguida, na mesma linha de argumentação, explicitávamos a compreensão de que a memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e de legitimação (FENELON, Déa Ribeiro. Et alli. *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo, Olho D’água, 2004, pp. 4-6).

Para finalizar esse texto, gostaria de dizer que, como nos propõe E. P. Thompson, as classes sociais não surgem em lugares determinados. Elas são históricas. Que as pesquisas sobre as classes trabalhadoras ainda são poucas na região amazônica. Falta afinarmos os instrumentos, não sabemos utilizar as fontes ditas populares. É necessário percebermos as muitas memórias desses homens e mulheres, para que possamos escrever outras histórias sobre eles. Em suas culturas existe uma diversidade de linguagens, produzidas por sujeitos sociais, onde estão impregnadas suas pegadas. Que memórias os cercam?

Os sujeitos sociais escaparam da maldição “euclidiana” que predestinava que os seringueiros vieram para a Amazônia para escravizar-se, quando constituíram modos de vida para a liberdade.

É bom lembrarmos que os historiadores seguem caminhos diferentes dos caminhos dos sujeitos sociais. Os sujeitos sociais foram excluídos de uma certa escrita da história, mas, no entanto, não estão nem aí para os historiadores. Os historiadores se travestem, se mascaram, falam mal um do outro, e muitos dão pouca importância à pesquisa. Em história oral, muitas vezes, as perguntas só interessam a nós historiadores. Vejam, a diversidade está aí, a ser pesquisada e estudada. Precisa ser divulgada. Para isso é que formamos uma diversidade de historiadores.

Quero encerrar com um trecho da fala do ex-seringueiro MATIAS, entrevistado por mim na década de 1990, na cidade de Rio Branco-Acre, quando o mesmo cedeu uma entrevista publicada na Revista TempOral, no ano de 1997, pela Universidade Federal do Acre. Uma fala de uma prática social recorrente entre os que foram seringueiros na região do Acre:

Solidão... a gente é humano. A gente sente saudade de tudo. Sente necessidade de mulher. Sente necessidade de companheirismo, mas a gente vive. A gente chega a criar aquela coisa na língua sem dizer uma palavra. Canta, grita. Se dana a gritar. Grita que só a porra. Faz zuada sozinho (dá um grito). Resolvía gritar e gritava. Cantava, balançava em cipó, tinha cipó naquele lugar assim, passava era hora brincan-

do naquele cipó, cansei de fazer isso. Gritava sozinho (risos). Tomar banho, correr assim da altura do barranco. Tinha um poço, um poço num igarapé que eu cansei de dar pontão e boiava lá adiante. Aí nada, nada, era assim... O pensamento era em mulher, a necessidade sexual. Isto era uma coisa que a gente tinha. Pensava praticamente nas namoradas. O pensamento... qualquer homem se masturba..." (Trecho do depoimento oral de José Marques de Sousa (Matias). IN: Revista TempORAL Rio Branco-Acre, 1993).

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. IN: Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, vol. 1, 1993.
- CONVERSA com Carlo Ginzburg: História e Cultura. IN: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 3, nº 6, 1990.
- Depoimento oral de José Marques de Sousa (Matias). IN: Revista TempORAL Rio Branco-Acre, 1993.
- DUBY, Georges. O Historiador, Hoje. IN: DUBY, Georges. Et all. História e Nova História. Lisboa: Teorema, 1989.
- FENELON, Déa Ribeiro. Et all. Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida. IN: FENELON, Déa Ribeiro. Et all. Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.